VIDA COMUNITARIA

**Conferência para abril de 2020**

(alguma reflexão a partir da minha experiência, dos meus encontros com as nossas comunidades MSF espalhadas no mundo)

Minha saudação a todos vocês queridos coirmãos nas vossas comunidades presentes em diversas partes do mundo, mas também deixo minha saudação aos singulares coirmãos, que vivem e fazem a própria missão sozinhos, muitas vezes distantes dos outros coirmãos e também aqueles que procuram estar longe da comunidade e dos coirmãos.

Paz em Jesus, Maria e José!

Sou muito contente com a decisão do último Capítulo Geral de declarar o Ano corrente como Ano Jubilar para a nossa Congregação. Isso nos desafia a recordar, meditar, analisar, e programar o nosso futuro e a nossa missão. Queremos chegar a sentir-mo-nos verdadeiramente uma família para uma missão!

Mas propriamente as nossas comunidades em primeiro lugar devem tornar-se como uma família que cumpre uma única missão, obviamente respeitando os diversos dons dos próprios membros.

Olhando para a nossa história vemos em diversas partes do mundo, sobretudo nas antigas terras de missão, que buscando responder a muitas necessidades e nos diversos lugares esquecemos a coisa fundamental, a comunidade, o estar juntos, o rezar juntos, e o fazer da missão uma verdadeira missão comunitária.

Espero tanto que recordais os nossos encontros com as comunidades durante as visitas canônicas, a nossa busca de compreender e de cuidar daquela relação fraterna que com os celulares não se cria jamais. É necessário um encontro pessoal, um compartilhamento recíproco, enfim um desabafar-se diante de um coirmão.

Reflitamos novamente, olhando para o nosso amado Fundador, o venerável Padre João Berthier para o qual a vida comunitária era fundamental, sobre a nossa realidade que necessita mudanças, para rever as nossas atividades com essa perspectiva; somos uma comunidade de vida e ação ou o que nos une é só a sigla MSF e raros encontros para eleger os superiores e delegados.

Os últimos dois Capítulos Gerais, nos respectivos documentos, falaram em cultivar a vida comunitária. Nos deram as precisas indicações, vejamos-las, recordemos-las, e busquemos colocá-las em prática. Desejo tanto que o meu apelo chegasse ao coração de cada um, não falo aos superiores, mas a todos nós, porque a comunidade, é o conjunto dos coirmãos, não é uma teoria, mas um organismo vivo. Certamente muito depende dos superiores, sobretudo daqueles locais, mas eles não podem fazer milagres se falta a colaboração de todos.

Eu creio que isso seja possível, mas sou consciente que não é fácil, nos custará, quem sabe devemos deixar muitas coisas pessoais para poder abraçar aquelas comuns, aquelas nossas, aquelas da minha família religiosa. Mas acreditai-me isso nos dará uma verdadeira alegria quando compreendamos que o nosso é o meu e o meu é o nosso.

Uma família, uma comunidade chamada por Deus para uma missão.

Devemos rezar e crer nisso. Um dos vices gerais que tive alegria de conhecer em Roma recordava com freqüencia: se dois coirmãos rezam juntos e rezam um pelo outro não podem logo após falar mal um do outro. Aquilo que o Papa Francisco chama falar mal dos outros, muita fofoca, fofocas demais, falar contra os outros.

Sou consciente que temos algumas missões nas quais é impossível estar juntos por causa das distâncias, mas desfrutemos bem os nossos encontros mensais, um dia, dois dias, não qualquer hora. Programai, preparai. Os meus coirmãos tem necessidade de mim e eu deles. Devo ter tempo para os meus coirmãos. O tempo com eles não é tempo perdido.

A vida comunitária é um construir em continuação. É uma realidade viva, dinâmica, da qual eu faço parte. Eu sou construtor da casa na qual habito, da minha casa.

Pe. Edmund Jan Michalski MSF